

O BRASIL E SEU LABIRINTO

José Sarney

Este século pode ser visto de dois ângulos. Um, o das fantásticas descobertas científicas e do avanço da tecnologia a serviço da melhoria da qualidade de vida da humanidade. A outra face, como interrogou Leopoldo Zea, é a do Século Perdido, aquele em que a humanidade retrocedeu cem anos e voltou às mesmas idéias do século XIX, ao sonho do *laissez faire*, *laissez passer*,

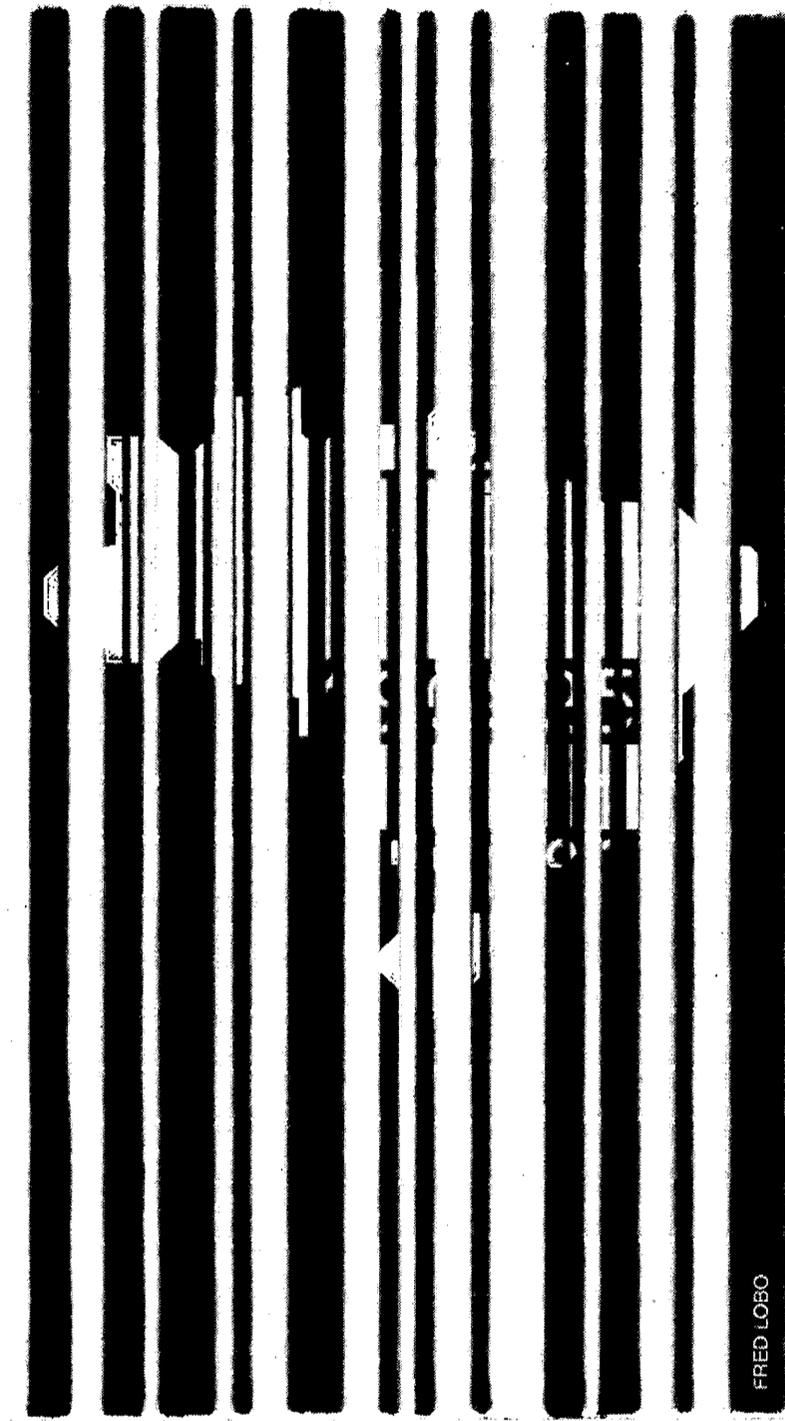
O liberalismo entrou neste século certo de que iria se consolidar cada vez mais e ditar os caminhos do mundo. Tal não ocorreu. Logo surgiu a grande confrontação, desafio de que a salvação da humanidade estaria numa sociedade igualitária, com a vitória do comunismo. Esse dilema capitalismo *versus* comunismo permeou o século XX. As tentações de revolução e revolta governaram a vida dos países e dos homens. Heróis e santos morreram por uma dessas causas. A humanidade inteira sofreu grandes convulsões pela violência do conflito ideológico. Em vez de um neocapitalismo ou neocomunismo, surgiu um neoliberalismo.

A isso Francis Fukuyama chamou de "o fim da História". Em sua visão, não houve convergência de idéias entre um sistema e outro, mas uma vitória absoluta e definitiva do liberalismo sobre o comunismo. A partir de agora, somente haverá lugar no mundo para a democracia liberal e a economia de mercado, que se impuseram como o sistema que se interliga com o destino da humanidade, dela faz parte e constitui o porto que finalmente encontramos. Assim, essa vitória do neoliberalismo é uma descoberta, um objetivo que o homem perseguia e finalmente encontrou. Daí sua conclusão de haver chegando "o fim da História".

Bush, em 1991, definiu a missão americana: "Os EUA assumem esta liderança porque somente eles têm a estatura moral assim como os meios de sustentá-la".

A esse país está, também, entregue a gerência dos problemas globais de sobrevivência da humanidade, com a missão messiânica de supervisionar e determinar soluções. Dentre eles, os conflitos regionais que afloram, de maneira dramática, com o fim das ideologias, como a afirmação de nacionalismos, os fundamentalismos, as migrações massivas, as doenças desconhecidas, as pandemias, o controle de armas nucleares, os problemas de meio ambiente que ameaçam a vida no planeta, as drogas e tantas coisas mais.

O mesmo Fukuyama, o filósofo dessa realidade, respondendo às críticas de que um mundo assim não tinha lugar para os países subdesenvolvidos, respondeu com absoluta sinceridade: "A grande maioria dos países pobres seguirá atolada no pântano da História". E acrescentou mais explícito: "Não parece provável que num futuro próximo eles se unam às nações desenvolvidas". E Zbigniew Brzezinski, mestre americano de política e segurança, afirmou na mesma linha que os ricos não podiam abrir mão de sua riqueza (tra-



FRED LOBO

balho), dizendo: "A busca de um maior bem-estar social, em nível global, significa retirar recursos dos países ricos, sinal de confisco dos frutos do seu trabalho".

O fosso tecnológico entre o Primeiro Mundo e os países em desenvolvimento é muito largo. O mesmo acontece com a cultura. Seria grande ingenuidade acreditar que é em nosso benefício que se está fazendo todo esse esforço para impor uma abertura selvagem e ilimitada. Os brasileiros, assim como todos os países de nosso nível, que se preparem, mesmo na parte gerencial, para perder seus empregos em favor de executivos globais, assim, como estamos perdendo nossas empresas compradas na *bacia das almas*. A resposta que recebo, quando faço essas ponderações, é uma só: "Temos de nos preparar, é a globalização". Respondo que apenas dois setores estão globalizados no mundo: as comunicações e o mercado financeiro. Temos de nos preparar, mas temos de nos defender. As nações ricas não estão fazendo o que nós estamos. Elas não abrem nada. Veja-se o Mercado Comum Europeu protegendo sua agricultura, subsidiando seus produto-

res. Os Estados Unidos impõem para o Brasil taxas e cotas de suco de laranja, de aço, de tecidos, de sapatos etc. Ressalte-se o louvável e enérgico sentimento com que eles defendem seus empregos nacionais. E nós? Estamos na tese de que temos que aceitar, como inevitáveis, os males da travessia. É uma visão equivocada, passiva e lesiva ao país.

O papa João Paulo II, depois da queda do Muro de Berlim, decepcionado porque, como todos nós, acreditava que iríamos ter a vitória da convivência da liberdade com a justiça social, da solidariedade mundial, desabafou: "Esperávamos tantas coisas, porém tudo continua igual". E na sua encíclica *Centesimus Annus* faz um juízo crítico sobre o que ele chama "os efeitos que o capitalismo liberal tem provocado nos países pobres".

Aí é que entra o Brasil. Esta nação começou o século XX com o sentimento e a visão de ser o "país do futuro" e chega ao fim dele com uma tendência a acomodar-se à satelitização, renunciando à vontade e vocação de liderança que temos, atordoado no labirinto da economia, que lida com problemas transitórios,

perdendo a dimensão de grandeza, aquele sentimento que De Gaulle tão bem vocalizou em nome do povo francês. A França batida, ocupada, humilhada, lidando com o monstro da destruição, não perdeu sentimento e visão. Jamais aceitou, mesmo derrotada, deixar o seu *status* de ser a França.

Os problemas econômicos que nós vivemos não podem matar o sentimento de um Brasil protagonista mundial, que deseja sentar à mesa em nível de igualdade, e não apenas ficar feliz e lisonjeado por ter recebido um convite para assistir ao banquete.

O nosso dilema será aceitar "ficar no pântano" ou romper as barreiras desses contingenciamentos e buscar o nosso lugar. Certamente o problema é político. A palavra globalização tornou-se dogmática. Em nome dela temos de aceitar tudo. O mesmo não está acontecendo com os países ricos que cada vez mais se protegem. Resistir é ser tachado de retrógrado e atrasado. É esse terrorismo moral que está no bojo das pressões para essas aberturas selvagens que destroem a indústria nacional e exportam empregos.

Temos o exemplo do recente estudo do Bird contra o Mercosul. Eles acham que nós não devemos ter tratamento diferenciado para as nossas trocas entre os membros do Cone Sul. Isso, segundo o Bird, prejudica a economia mundial, as "normas da OMC", ou seja, temos que abrir para todos, de todos os modos. Em suma, abdicar do nosso espaço próprio, econômico e político. Nunca vi nada mais atrevido, julgar que não são lícitas as vantagens recíprocas que acordamos com nossos parceiros: Argentina, Paraguai e Uruguai.

O Brasil, como um grande país, se deseja ter um destino, e, agora, vivemos uma hora decisiva, tem que se preparar para assumir essa responsabilidade que nos foi dada pela geografia, quando nos fez grandes, e pela História, quando nos deu uma missão continental e mundial. Não podemos ficar perdidos no labirinto das perplexidades nem na contemplação encantatória dos grandes. Lembremos Rimbaud: "Por delicadeza eu perdi a minha vida".

Esse processo veio para ficar. Não há dúvida de que o mercado e a democracia liberal são os melhores sistemas que o mundo já encontrou. Mas não se pode transformá-los em dogma ideológico nem em instrumento de dominação de mercados, contra as próprias leis de mercado. Há que defender o interesse e o patrimônio nacionais. O Brasil não pode descuidar de sua grandeza, não deve ser tímido neste labirinto das dificuldades e dos esforços que vem fazendo para consolidar as mudanças em sua economia. Estamos cedendo em muitos setores, sem negociar nem exigir. Este é um grande país. Precisa ter uma afirmação vigorosa dos seus objetivos e não ter receio de defender-se.

■ José Sarney é presidente do Senado Federal